

O Turismo Étnico e seus reflexos nos Terreiros de Candomblé Angola em Salvador – Bahia

Renata Coppieters Oliveira CARVALHO¹
Marco Aurélio AVILA²

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar o Programa de Ação do Turismo Étnico Afro da Bahia, desenvolvido pela SETUR – Bahia, e seus reflexos na visitação dos Terreiros de Nação Angola em Salvador. Verificou-se a participação e a satisfação dos atores-sociais, entendidos aqui como gestor público, comunidade dos terreiros, visitantes e agentes de viagens, no delineamento e execução do programa. A pesquisa é descritiva, utilizando a abordagem qualitativa, os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, analisados de forma descritiva e analítica, confrontando o referencial teórico aos resultados encontrados. Evidenciou-se um Programa frágil, sem a organização formal de um planejamento; divulgação de produtos sem estudo prévio de demanda; diferentes formas de participação e pouca articulação entre os atores sociais.

Palavras-chave: Turismo Étnico. Planejamento. Candomblé de Angola. Salvador.

The Ethnic Tourism and its reflections in the Candomblé Angola in Salvador – Bahia

ABSTRACT

The goal of this research is to analyze the program and its effects on visitation of Nation Angola Terreiros in Salvador, verifying the participation of key actors - public manager, the community of the Terreiros, visitors and travel agents. The research is using descriptive qualitative approach to bibliographic and documentary research, interviews "semi-structured". The data will be analyzed in a descriptive and analytical method confronting the theoretical with the results, indicating their possible differences. There is the prospect of offering subsidies to collaborate in the development of ethnic tourism in the sacred spaces of Candomblé. For both it was found that the programme has a participatory, but the satisfaction is different actors. So far there has been no research to suit the demand profile of tourism, leaving the discretion of the communities of Terreiros and the planing routes in the reception of tourists.

Keywords: Ethnic Tourism. Planning. Candomblé de Angola. Salvador.

1. Introdução

A atividade turística no século XXI tem sido atingida por novas formas de planejamento, maior participação comunitária e novas possibilidades de consumo, sendo

¹ UESC. E-mail: renatacopi@hotmail.com

² UESC. E-mail: marco@ativanet.com

necessário monitorar constantemente essas mudanças, para o sucesso do destino. Esta situação tem sido um verdadeiro desafio para os que atuam nos destinos, frente à competitividade global, que tentam adequar interesses locais a exigências de turistas, criando e desenvolvendo novos produtos turísticos para manter este fluxo de turismo satisfatório.

Para auxílio ao desenvolvimento destes destinos, a Organização Mundial do Turismo (OMT) divulga anualmente relatórios, indicando novas tendências do turismo, para que as localidades se adaptem às transformações e exigências de mercado. Dentre as tendências destacadas pela OMT, em 2003, observou-se a ampla referência ao Turismo Étnico. Um segmento do Turismo Cultural capaz de divulgar saberes e fazeres diferenciados de comunidades ditas tradicionais, oferecendo uma experiência inovadora ao turista e até mesmo o retorno a suas origens, possibilitando também o desenvolvimento destas comunidades.

Atendendo a este cenário mundial, o Ministério do Turismo brasileiro, após a criação do Programa de Regionalização Turística, em 2004, estimulou que os destinos formatassem roteiros para atender a esta segmentação, tendo em vista os amplos territórios indígenas, quilombolas, dentre outros oriundos de imigração. Neste contexto, a Bahia foi o primeiro Estado a configurar um plano de desenvolvimento para o Turismo Étnico, lançando o Programa de Ação do Turismo Étnico Afro da Bahia (PATEAB), desenvolvido pela Secretaria do Turismo do Estado da Bahia (SETUR), em 2007.

O PATEAB tem como produto principal a criação de roteiros de visitação aos Terreiros de Candomblé, contemplando Salvador e Recôncavo³, por terem maior população negra, como forma de valorizar e fortalecer o patrimônio afro-brasileiro. Além disso, pretende construir home-stays⁴, gerar emprego e renda, tendo como público-alvo o afro-americano (SEPLAN, 2007).

Considerando esses aspectos, justifica-se a importância deste estudo, que se propõe a ouvir os principais atores sociais⁵ envolvidos no planejamento turístico do Estado e os elementos culturais dos terreiros de Candomblé Angola, que, segundo Silveira (2010), é a

³ O Recôncavo baiano é a região geográfica localizada em torno da Baía de Todos os Santos, composta por 28 municípios que preservam diversas manifestações da cultura afro, como samba de roda, capoeira, negro fugido, tendo destaque para o turismo étnico, devido ao Bembé do Mercado, em Santo Amaro da Purificação, a Festa da Irmandade da Boa Morte e Candomblé Jeje-nagô, em Cachoeira.

⁴ Unidades de hospedagem com dois leitos cada, que serão instaladas em anexos a centros culturais e Terreiros de Candomblé de Salvador e do Recôncavo baiano.

⁵ Neste trabalho, são considerados como atores sociais: o Poder Público, representado pela SETUR, SECULT, SALTUR, SEPROMI; Agências de Viagens e Turismo, representadas pela TATUR, LILAS, AQUARELA e CULTOUR; os dirigentes dos Terreiros de Candomblé Angola, a saber: Manzo Bandu Kuen Kué; Unzo Kuna Nkisi Tumbensi Malawla; Nzo Bakise Sasaganzua Gongorá Kavango, Nzo Nsumbo Tambula Dikoua MeanDandalunda; Tumba Junsara; Unzo Inkissi NDandalunda ye Kitembo e visitantes aos Terreiros de Candomblé Angola.

mais antiga nação de Candomblé no Brasil, havendo, no entanto, poucas referências especializadas, além de insuficientes, quando não caluniosas, que constituíram um preconceito antiangola, no Brasil.

A partir da obra de Nina Rodrigues (1933), a inferioridade dos Bantus foi plantada, influenciando os pesquisadores na coleta de informações a respeito deste grupo, apesar de novos estudos, como os de Melville J. Herskovits⁶ (1943) e Yêda Pessoa de Castro⁷ (1976), apenas para citar alguns, já demonstrarem que o grupo Bantu se apresenta como a mais complexa cultura da África e sua profunda contribuição etnolinguística para o Brasil.

Desta forma, objetivou-se analisar o Programa de Ação do Turismo Étnico Afro da Bahia e seus reflexos na visitação dos terreiros de Nação Angola, sob a perspectiva do planejamento turístico do Estado e sua proposta de formatação de roteiros étnicos. A partir dos objetivos específicos, pretende-se caracterizar o Programa de Ação do Turismo Étnico Afro do Estado da Bahia, identificar as formas de participação e satisfação dos atores sociais e descrever como ocorre a visitação nos Terreiros, de acordo com a proposta do Programa.

Para tanto, a natureza do estudo é descritiva (GIL, 1994), com uma abordagem qualitativa (DEMO, 1999), utilizando entrevistas semiestruturadas na coleta de dados, que foram transcritas e interpretadas através do confronto teoria – variáveis – resultados (NASCIMENTO, 2008).

Para cada sujeito da pesquisa, foi construindo um questionário, a partir de sua relação com as variáveis, a saber: espaço, tempo, satisfação e participação. Para o poder público, utilizou-se a amostragem não probabilística por julgamento (DENCKER, 1998), buscando órgãos públicos relacionados à atividade turística e à questão étnica, bem como o desenvolvimento sustentável da cultura, nas esferas municipal e estadual. Para agências de viagens, utilizou-se a amostra não probabilística por julgamento e se adotou o critério de ano de fundação, para que se pudesse obter o maior número de informações sobre o turismo étnico.

Para a comunidade visitada, representada pelos Terreiros de Angola, utilizou-se a amostra não probabilística por julgamento, de acordo com os seguintes critérios: ser tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Natural (IPHAN) ou Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia (IPAC); fazer parte das casas matrizes de Nação Angola; consulta

⁶ Antropólogo americano tendo uma ampla produção sobre povos africanos, a partir da sua tese de Pós-Doutorado: "The Cattle Complex in East Africa" demonstra que muitas questões culturais expressas como inferioridade, não passava de mitos.

⁷ Etnolinguista brasileira com uma ampla produção sobre povos africanos, contribuiu bastante com esta pesquisa, pois demonstrava a importância da cultura africana, suas influências no Brasil, especialmente de origem Bantu.

a agências de viagens que trabalham com esta segmentação; consulta ao Gestor do PATEAB; e estar localizada no município de Salvador.

Os visitantes foram definidos por uma amostragem não probabilística e por exaustão, em pelo menos uma festa pública dos Terreiros de Nação Angola, sujeitos da pesquisa, partindo do conceito de que visitante seria toda pessoa que não residisse em Salvador, podendo permanecer na cidade menos de 24 horas (excursionistas) ou mais de 24 horas (turistas), segundo a OMT (2003). O período da coleta de dados ocorreu de agosto 2010 a maio de 2011, sendo determinado através do calendário de cultos afro, disponíveis na Agenda Cultural da Bahia, e de informação oral de dirigentes dos Terreiros, em entrevistas, totalizando 21 entrevistados, representados pelo sistema alfabeto-número.

Para tanto, utilizou-se o arcabouço teórico relativo a planejamento turístico, cultura, etnicidade e religião, tendo em vista a formatação de roteiros dos Terreiros de Candomblé, pelo Estado.

2 Do Turismo cultural ao étnico: uma reflexão conceitual

A fim de compreender melhor a relação entre cultura e turismo, considera-se importante apresentar e refletir sobre alguns conceitos. Inicialmente, destaca-se que não compreendemos turismo apenas como um movimento de pessoas que implica o uso de serviços de transporte, alojamento e alimentação. Trata-se de um fenômeno complexo, com múltiplas facetas, que envolve aspectos econômicos, socioculturais e ambientais. Ao mesmo tempo em que é capaz de oportunizar conhecimento, sensibilidade, percepção social, contato com pessoas e culturas diversas, apresenta, paradoxalmente, alto potencial para impactar negativamente as comunidades anfitriãs (AVILA, 2009).

Em sentido mais amplo, o entendimento de cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, sendo fruto de uma construção histórica, envolvendo o pensar, o sentir e o fazer dos grupos sociais. Refere-se ao conjunto de ideias, técnicas de fazer objetos e utensílios, hábitos, valores e atitudes de distintos grupos sociais.

Goulart e Santos (1998) afirmam que o conceito de cultura engloba não apenas as obras, mas também as ações humanas, o que lhe dá um caráter dinâmico. Assim, a cultura sofrerá a ação de agentes externos, dentre eles teremos a atividade turística, que utiliza a diferença entre os grupos como o elemento motivador do deslocamento.

Para o Ministério do Turismo Brasileiro, o “Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do

patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (BRASIL, 2008, p. 16).

Percebe-se que o turismo cultural irá se adaptar às lógicas de cada sociedade, em um determinado tempo, num determinado espaço, consumindo todas as formas de saber e fazer peculiares a seus modos de vida, com resultados positivos e negativos. Assim, o planejamento deve ser pautado nas lógicas de cada sociedade, para que garantam a sua sustentabilidade social, econômica e cultural, maximizando os efeitos positivos (BARRETTO, 2001).

Segundo a *Internacional Council Of Museums* (ICOM, 1999), os produtos e destinos formatados para o turismo cultural deverão garantir que a experiência do visitante valha a pena, seja satisfatória e agradável.

Mas vale salientar, com a afirmação de Urry (2001, p. 17), de que “não existe um único olhar do turista enquanto tal; ele varia de acordo com a sociedade, o grupo social e o período histórico”. Podemos considerar, então, que no Turismo Cultural não existe apenas uma experiência universal, verdadeira para todos os turistas culturais, em todas as épocas. As percepções são diversas, atreladas aos padrões culturais de cada grupo que visita e sua relação com o espaço visitado.

Em uma tentativa de organizar o mercado e melhor atender ao turista, surgem diversos recortes do turismo cultural, tendo como base a motivação principal do turista, ou seja: turismo cívico, religioso, gastronômico e étnico, dentre outros que fazem parte do elemento cultural de cada povo (BRASIL, 2008). O Turismo Étnico encontra-se ainda em amadurecimento conceitual, tendo Pierre L. Van. Den Berghe, em 1984, como o primeiro a definir o Turismo Étnico como o turismo motivado pelo exotismo étnico e pela vida dos nativos.

Para Cardozo (2006, p. 3), o “Turismo étnico é aquele relacionado às experiências turísticas cujo atrativo seja a cultura de uma comunidade que se construiu e se representa fora das culturas centrais ocidentais, independentemente de essa comunidade ser autóctone, ou transplantada”. Assim o elemento mais importante é o nativo, o homem que leva consigo a sua identidade e foi capaz de se manter diferente, frente às pressões das culturas hegemônicas.

Para a OMT (2003), o turismo étnico é aquele motivado pela etnicidade como forma de comparação/e ou compreensão social, a partir da observação de modos, de saberes e fazeres diferentes do seu. Seguindo a mesma linha, o Ministério do Turismo brasileiro define:

[...] O turismo étnico constitui-se das atividades turísticas decorrentes da vivência de experiências autênticas em contatos diretos com os

modos de vida e a identidade de grupos étnicos. Busca-se estabelecer um contato próximo com a comunidade anfitriã, participar de suas atividades tradicionais, observar e aprender sobre suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares. Muitas vezes, tais atividades podem articular-se como uma busca pelas próprias origens do turista, em um retorno às tradições de seus antepassados (BRASIL, 2004, p. 17).

Observa-se então que a experiência e a vivência das atividades dos nativos é o elemento que se repete neste segmento, porém inclui o termo populações tradicionais, que, para o Ministério, são considerados os povos indígenas, quilombolas e imigrantes europeus.

Destarte, Bahl (2009) alerta que os atrativos étnicos que são oferecidos devem ser revelados pela comunidade receptora, detentora dos saberes, observando as facilidades de acesso e benefícios para o grupo, necessitando uma verificação dos elementos que os fazem realmente representativos, diferenciados.

O Turismo Étnico ainda trata de um elemento bastante peculiar, os rituais religiosos, abrindo mais uma possibilidade de motivação no deslocamento de turistas, a religião (BAHIA, 2009). Assim, nos leva a refletir sobre a nomenclatura étnica utilizada pelo PATEAB para denominar a visitação de Terreiros e outras manifestações de cunho religioso na Bahia, evocando alguns pesquisadores do Turismo religioso, como Monteiro (2003), Steil (1998), Silveira (2004), para verificar semelhanças e diferenças quanto a sua conceituação e à motivação do turista. Para todos, a motivação principal é a fé.

Monteiro (2003) analisa os deslocamentos motivados pela fé, tendo as datas específicas para estas comemorações seguido o calendário litúrgico da Igreja Católica. Para Steil (1998), o turismo religioso vai além do calendário cristão, e este segmento será caracterizado quando os turistas passam a viver “eventos”, como uma experiência inusitada, espiritual e consumista, ao mesmo tempo. Silveira (2004) já nos esclarece que o turismo religioso se coloca em duas dimensões aparentemente opostas, uma atitude de lazer, descompromissada, desterritorializada, e outra atitude de fé, relacionada à identidade, a ritos e valores.

Apesar do Candomblé ser considerado uma religião institucionalizada, não se encontram referências, em estudiosos do segmento Turismo Religioso, a esta religião de matriz africana. Partindo do conceito de deslocamento motivado pela fé e crenças, a visita a Terreiros de Candomblé pode ser considerada também como Turismo Religioso, mesmo que até o momento os estudos deste tipo de turismo não tenham abordado esta perspectiva.

Partindo para a análise da visitação aos terreiros e a suas festas públicas, podem se observar elementos que caracterizam essa prática como turismo religioso e, ao mesmo tempo, étnico. Assim, o visitante poderá observar momentos da cerimônia religiosa, como expectador de uma cultura diferente da sua, como também poderá vivenciar ritos da religião motivado pela fé e alcançados por ele no momento da visita.

Segundo Santana (2009), as motivações para os deslocamentos turísticos são mutáveis, assim como suas experiências e interações culturais. Ou seja, o turista que pode ser motivado inicialmente para conhecer um Terreiro de Candomblé, no momento em que se encontra no destino, poderá ser tocado por outros elementos culturais mais relevantes, fazendo-o experimentar outro atrativo.

A motivação étnica pode ser entendida e buscada também como uma forma de retornar às origens, rememorar o passado, num sentido até mesmo nostálgico, conforme nos afirma Finley (2005 apud QUEIROZ, 2008, p. 53): “o turismo de raízes é um tipo de viagem relacionada à busca de identidade, onde eles visitam monumentos, locais históricos e outros lugares de interesse na esperança de responder perguntas sobre suas origens e compreender como eles definem a si próprios”.

Este conceito nos leva a compreender que existem ainda no turismo étnico pessoas que não buscam só o diferente, o exótico ou a fé, mas aquelas que buscam vivenciar e conhecer os costumes de seus antepassados, para encontrar respostas para si mesmas.

3 Os Terreiros de Candomblé Angola

As grandes distorções históricas a respeito do legado cultural e científico dos povos africanos e afrodescendentes resultam principalmente da predominância do eurocentrismo na história oficial (CUNHA, s.d.). Além disso, a historiografia anterior à década de 1970 tentou negar a importância cultural dos povos *Bantus* (situados hoje nos países Angola, Congo, Gabão, Zaire e Moçambique) na formação brasileira, negando também o seu maior número na escravidão, com descrições exacerbadas de preconceitos, tendo como autores principais Silva Romero (1953), Nina Rodrigues (1977) e Oliveira Viana (1959) (apud LOPES, 2008).

Em 1550, desembarcaram em Salvador, Bahia, os primeiros escravos, basicamente vindos de Angola e do Congo, destinados ao trabalho em engenhos de cana no Nordeste (LOPES, 2008). Ao chegar ao Brasil, os africanos foram inseridos, como seres sem passado, tendo sua condição humana negada e seus padrões culturais comprometidos. Seu culto religioso foi por vezes perseguido pela sociedade civil e pelo Estado, como herança, no

projeto colonial português, da atuação missionária católica na colônia, conforme o artº 16 da Assembleia Constituinte de 1823: “a religião católica apostólica romana é a religião do Estado por excelência, e a única mantida por ele” (BENISTE, 2002, p. 27).

Hoje, o Candomblé é reconhecido na Bahia como uma religião iniciática⁸, que guarda em seu processo de formação a história, a língua, a oralidade, a culinária, artefatos, usos medicinais de diversas etnias africanas, escravizadas aqui no Brasil, e que, em muitos desses aspectos, não são mais encontrados em África.

O Candomblé era formado por diversos grupos étnicos vindos da África, tendo, assim, costumes e culturas diferenciadas. Portanto, se tornaram candomblecistas muitos daomeanos, yorubás, congolenses, angolanos, malês, além de inúmeros outros grupos pelo Brasil afora, inclusive adquirindo performances diferenciadas e ganhando outros nomes, como Candomblé de Caboclo, no Recôncavo da Bahia, Babaçuê, em Belém do Pará, Tambor de Mina, no Maranhão, e outros, conforme Carneiro (2002, p. 28):

[...] em parte alguma os cultos se apresentam com a uniformidade suficiente para a identificação de tipos absolutos. Entretanto, tomando por base determinados aspectos peculiares, e utilizando o artifício de dividir o país naquelas áreas em que estes se registram, podemos chegar a uma identificação relativa que ocorra para entender a unidade na variedade.

Portanto, cada nação de Candomblé tem características próprias, que as diferencia das demais. Estas diferenças se encontram na língua utilizada, nas divindades cultuadas, em determinadas práticas de caráter sigiloso, enfim, numa série de fatores distintivos.

Segundo Parés (2006), o termo nação era utilizado pelos traficantes de escravos, missionários e administradores das feitorias europeias, para designar diversos grupos autóctones, sendo utilizado também no Brasil. Porém, após a escravidão, o termo passou a ser utilizado como padrão ideológico e ritual dos terreiros de Candomblé.

Não há hoje dois terreiros com ritos exatamente iguais, nem quando se tratam de terreiros irmãos, nascidos de uma origem comum próxima. Desde que o Candomblé se transformou numa religião aberta a todos, independentemente da origem racial, étnica, geográfica ou de classe social, muitos elementos foram incorporados, o que lhe confere novas formas de agir (PRANDI, 2005). Ou seja, um terreiro filho já é inaugurado com alguma coisa

⁸ Religião de magia, cuja revelação dos segredos é obtida gradativamente através dos ritos de passagem.

que o diferencia dos terreiros-mãe. Outro fator bastante importante é a forma como o “segredo”⁹ do culto religioso está diretamente relacionada à hierarquia existente no grupo.

A comunidade dos Terreiros de Candomblé na Bahia, mais especificamente em Salvador, será compreendida como o grupo étnico marcado pela mistura de cor, com valores culturais ressignificados na crescente busca de rememorar seus antepassados negros.

Nos mais recentes estudos, em especial Silveira (2007), dá-se conta que a história da fundação do Candomblé conhecido atualmente deve ser contada a partir da construção de um templo onde todos os orixás passaram a ocupar o mesmo espaço sagrado. Nessa perspectiva, é a Casa Branca, ou *Ilê Iyá Nassô Oká*, a primeira casa de Candomblé fundada por *Iyá Nassô Oká*, no final do século XVIII e início do século XIX, da Nação *Ketu*. É neste período que, de fato, se têm confirmações de uma organização mais institucionalizada da religião, sendo observada, neste sentido, por caracterizar espaço sagrado estável; corpo sacerdotal hierarquizado; coletividade de devotos; calendário de atividades rituais; culto iniciático e oferendas às divindades.

Esta organização por muito tempo foi defendida por estudiosos como o resultado do sincretismo religioso dos negros aqui escravizados, atendendo a normas da religião católica, em perseguições movidas pelo Estado, porém já se comprovou que os templos, as divindades e a performance ritual já existiam em algumas localidades africanas, mais especificamente as do grupo étnico *Jeje* (CAPONE, 2004; PARÉS, 2006).

Silveira (2007) ainda destaca que antes da institucionalização do Candomblé, o grupo étnico Bantu e os Jejes, anteriores aos Yorubas, já praticavam os seus ritos, conhecidos como Calundu e sua não institucionalização pode ter sido causada pelas imposições históricas, já citadas, e não por qualquer vestígio de inferioridade cultural. Este autor destaca ainda que há muito a ser pesquisado, sendo um desafio para antropólogos e historiadores.

Hoje já é possível acessar o cadastro do CEAO e da FENACAB, no qual estão registrados os terreiros de candomblé separados por Nações, mas, para os Terreiros de Angola, seu pertencimento e reconhecimento são dados pelo grupo, a partir da sua origem. Neste contexto, obtém-se reconhecimento, se o terreiro fizer parte de uma das três raízes de Angola: Gregório Makwende, Mariquinha Lembá e Maria Genoveva do Bonfim, mais conhecida como Maria Neném. Este fator também é considerado nesta pesquisa.

⁹ Informações que só são passadas aos iniciados no santo, de acordo com a hierarquia do culto. Estas informações estão relacionadas ao passado da casa, de seus líderes, até aos conhecimentos específicos da religião.

No interior destes Terreiros existe uma dimensão muito própria, em que sua comunidade determinará a função do espaço geográfico, dividido em espaço sagrado e espaço de vivência cotidiana, pelos quais os terreiros podem ser compreendidos em suas formas material e simbólica. Conforme nos confirma Balastrieri (2006, p. 305), “O território é concreto e abstrato numa complexa tessitura do material e do ideal”.

Assim, o espaço sagrado será composto por uma arquitetura peculiar, onde os Nkices¹⁰ estarão representados em assentamentos¹¹ materiais e assentamentos na natureza. A localização de cada Nkice dentro desse espaço também tem seu significado.

Na porta de entrada do Terreiro de Candomblé está assentado o Pambo Njila¹², guardião da entrada ou Porteiro. Em um Terreiro podem ser assentados diversos Jinjila (plural de Njila), em conformidade com o espaço disponível, mas, geralmente, se coloca a casa de Pambo Njila do lado direito do assentamento do Nkisi Nkosi¹³, o qual por sua vez se situa do lado direito da entrada. Do outro lado da entrada, assenta-se Kitembu¹⁴ ou Tempo, como é mais conhecido. É aí que se coloca um mastro bem alto, com uma bandeira branca. A casa de Dandalunda¹⁵ será próxima ao rio ou cachoeira. Caso não seja possível, constrói-se uma fonte onde são realizados os ritos, os assentamentos de Mutalambô¹⁶ e de Katendê¹⁷, de preferência dentro da mata, ou então é criado um ambiente que a ela se assemelhe; apenas para citar como se recria dentro de um terreiro de Angola o local de atuação das divindades cultuadas.

A localização de cada assentamento fará referência ao Nkice, mas principalmente às condições específicas de cada terreiro. O espaço destinado à moradia da comunidade, pai e filhos de santo, caracteriza-se por casas comuns, podendo ter também museus e escolas para o convívio social. É necessário destacar que os terreiros estão localizados em áreas periféricas, de difícil acesso, e foram construídos de acordo com as necessidades da casa, mas também de acordo com a disponibilidade de renda; desta forma, não há um padrão, mas elementos essenciais ao culto.

O local imprescindível no terreiro é o barracão reservado às festas públicas. Este espaço é destinado ao encontro dos seres sagrados com os seres materiais do terreiro. É neste

¹⁰ Denominação dos seres sagrados cultuados pelos terreiros de Nação Angola, caracterizados pelos elementos da natureza.

¹¹ Nome dado à casa dos Nkices.

¹² Senhor dos caminhos.

¹³ Senhor dono do ferro.

¹⁴ Divindade conectada ao vento, que governa as condições climáticas.

¹⁵ Senhora das águas doces.

¹⁶ Senhor das matas.

¹⁷ Senhor das folhas.

espaço que o turista/visitante tem livre acesso, onde pode ver danças, roupas, o transe¹⁸ e ouvir os cânticos, na língua que, em muitas casas, se mistura à língua de cada nação e à língua portuguesa do Brasil.

O turista/visitante também terá um papel, que vai além do simples descanso, diversão, aventura, ou qualquer que seja a motivação que o atraia. Ele deve ser responsável pela observação e o cumprimento das legislações locais; pelo respeito à cultura local, às crenças do grupo em que visita, de forma a minimizar os impactos negativos.

Os terreiros de Candomblé devem ser compreendidos no contexto do grupo que se une para fins religiosos, portanto, enquanto produtores de cultura, cuja existência não dependa da atividade turística. Segundo Balastri (2006, p. 302), “Quanto mais fortes forem às territorialidades estabelecidas sobre os vínculos identitários historicamente determinados, mais complexos vão ser os embates e ajustes”.

4 Reflexos da implantação do Programa nos Terreiros de Candomblé, sob a ótica dos atores sociais

4.1 O Poder público

O PATEAB foi pensado e executado pelo Sr. Billy Arquimimo, que também estava à frente da Coordenação do Turismo Étnico da SETUR, no período de 2007-2010, em sua primeira gestão, tendo como governador Jacques Wagner e Domingos Leonelli, Secretário de Turismo do Estado Bahia.

A partir de então, o coordenador realizou reuniões para a construção do marco conceitual, tendo em vista ouvir o que as lideranças tinham a dizer e informar a estratégia do governo. Desta forma, o Estado inicia a formatação de um programa de cunho participativo, entrando em contato com a comunidade, as agências de viagens, as associações do Movimento Negro, blocos afros, órgãos públicos relacionados à temática, a academia e os Terreiros de Candomblé, para que juntos pudessem implantar as ações estabelecidas no programa. De acordo com Arquimimo (2010), cada grupo pôde expor seus interesses e percepções acerca da temática em cada reunião realizada: “a Secretaria entrou em contato, chamou a comunidade e lançou para dizer que estava se criando um novo segmento de turismo na Bahia” (Informação verbal, ARQUIMIMO, 2010).

¹⁸ Momento de manifestação do encantado (Nkice).

A divulgação da nova estratégia do governo foi feita através de jornais, *sites* e revistas, contando com momentos de sensibilização para o comparecimento às reuniões de lançamento. Não houve, entretanto, um cadastro de atores sociais, dividido por grupos de interesse, que pudesse assegurar que todos fossem informados, o que afetou diretamente a participação de um maior número de interessados. Os atores sociais que participaram desta oportunidade já faziam parte de outros movimentos.

A estrutura da reunião foi baseada na mesa-redonda, onde havia a exposição do Programa por parte do governo, tempo para perguntas e respostas, e a construção de um relatório participativo. As reuniões foram separadas por grupos de interesse para que as discussões fossem mais afinadas. Todas as reuniões foram registradas, incluindo registros fotográficos, porém não disponíveis no site da SETUR¹⁹. Este arquivo está disponível para acesso, apenas na coordenação do Programa e para fins de pesquisa.

Foram realizadas de duas a quatro reuniões por grupo de interesse, que duravam de duas a seis horas, tendo em média cem participantes. Importante destacar que o programa envolveu todos os elementos que pudessem compor a matriz africana e suas ressignificações, na Bahia, mas, devido ao recorte desta pesquisa, foi dada atenção especial ao que concerne à visitação aos Terreiros de Candomblé, como produto turístico.

É o primeiro momento em que o Estado formaliza um espaço de discussão para os detentores da cultura afrodescendente e uma reflexão acerca da atividade turística, de forma que fossem elaborados roteiros de visitação aos Terreiros de Candomblé e determinadas normas de conduta para os visitantes destes espaços, de forma a garantir e valorizar os elementos simbólicos e litúrgicos da religião. Estas normas foram documentadas numa cartilha, direcionada aos visitantes e aos guias das agências de viagens, porém, até o momento, não publicada.

O PATEAB foi organizado em seis eixos estratégicos, a saber: 1 – **Mercado** – o público alvo são os negros afro-americanos; 2 – **Produto** – formatação de calendário da negra Bahia e roteiros étnicos; 3 – **Promoção** – atração de voos *charters*; participação em eventos nacionais e internacionais, com foco nos Estados Unidos, especificamente Atlanta, Filadélfia e Nova York; criação de folheteria e o Livro do Turismo Étnico Afro; 4 – **Qualificação** – apoio e organização de seminários ligados à temática; criação de cartilha para visitação dos terreiros; 5 – **Investimentos** – apoio do Ministério do Turismo e BID; e 6 – **Parcerias** –

¹⁹ www.setur.ba.gov.br

ONG's, órgãos públicos, empresas privadas, entidades negras e comunidade (SETUR, 2007, p. 160).

O Programa está integrado ao Plano Plurianual PPA do Estado – 2008/2011, com o orçamento de R\$ 9.273.506,00 (nove milhões, duzentos e setenta e três mil e quinhentos e seis reais) distribuídos para Salvador, área metropolitana e Recôncavo baiano (SEPLAN, 2007), e tem, como plano de ação, o desenvolvimento da cultura local, como forte elemento para a democratização, respeito e valorização das raízes africanas.

Até o momento, cinco anos após o início do programa, não foi realizada nenhuma pesquisa quantitativa sobre o perfil do turista étnico, não foram identificadas as cidades norte-americanas com maior concentração de afrodescendentes, para que, com base nestes dados, a BAHIATURSA pudesse atuar na promoção internacional, a saber: Detroit, New Orleans, Baltimore, Memphis, Atlanta, Washington. Porém, a promoção tem sido feita em Miami e Washington, utilizando-se da promoção internacional da BAHIATURSA já estabelecida, e não de algo específico, focado no público étnico afro-americano.

A Promoção tem sido realizada de forma geral, pelo Departamento de Relações Internacionais – DRI da BAHIATURSA, quando este divulga o destino Bahia e se utiliza dos elementos mais simbólicos, o que de certa forma acaba promovendo o Turismo Étnico.

“Quando a gente faz a promoção da Bahia a gente tenta levar o turismo étnico, os item mais simbólicos então tematizamos com comida, acarajé, show folclórico, baianas com as fitas do Senhor do Bonfim e através desses ícones da cultura nos conseguimos vender o turismo. Desta forma atuamos nos principais mercados: América do Sul, Europa, Mercados Potenciais, Estados Unidos e Ásia. Aliado a esta promoção o Estado, ainda se fortalece com as ações do Ministério do Turismo e ações com outros parceiros”. (Informação verbal, FRANÇA, 2011).

Não existem projetos fixos e nem parcerias contínuas, contradizendo Molina (2005), para quem todo programa que vise atingir metas de maior abrangência deve integrar projetos. Houve dois projetos de qualificação de mão de obra, direcionados a pequenos empresários e artesãos, desenvolvidos pelo SEBRAE e pelo IH, e apoiados pelo PATEAB.

O PATEAB não desenvolve, apenas apoia pequenos projetos que tenham como base a geração de fluxo turístico, a partir das expressões de matriz africana, servindo como mais um ponto de diálogo e apoio para as entidades negras, que foram fortemente afastadas do contexto das políticas públicas do Estado. Assim, mesmo que a Secretaria não possa atender as demandas desses grupos, esta os encaminha às secretarias que possam solucionar algumas

questões trazidas por eles, buscando atuar transversalmente (Informação verbal, ARQUIMIMO, 2010).

Nesta perspectiva estão a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI) e a Secretaria de Cultura da Bahia (SECULT), que desenvolvem programas e projetos que fortalecem a proposta do turismo étnico afro da SETUR. Estas entidades fizeram parte de algumas reuniões realizadas pela SETUR, de forma a compreender o programa e trocar experiências, mas não se fechou nenhuma parceria de ação conjunta (Informação verbal, ARQUIMIMO, 2010).

Quando essa articulação é direcionada às instâncias da governança municipal, a comunicação e a participação da SETUR junto ao órgão de turismo municipal a SALTUR é ressentida.

A gente não foi envolvido na construção do programa, eventualmente nos últimos dois anos pode ter havido, **pode ter havido** algum convite nosso para participar da alguma reunião de turismo étnico, mas eu estou falando de foco, de meta, eu estou falando de agenda programática, de resultado, isso a gente ainda está longe de conseguir uma matriz que dê um resultado efetivo, do ponto de vista dos programas hoje existentes (Informação verbal, BARRETO, G. 2011).

O programa do Estado deveria estar totalmente integrado ao município de Salvador, pois inicialmente é o espaço prioritário de atuação, conforme apontado pelo gestor do PATEAB. Salvador conta hoje com o grupo gestor, formado por 22 instituições²⁰, que se reúnem mensalmente para discutir melhorias para o município, relacionadas à atividade turística, porém estes não foram sensibilizados, para que juntos pudessem contribuir com o programa.

Pode-se perceber que existe uma dificuldade de articulação entre as instâncias estadual e municipal de turismo, pois se observa que o Estado e o município desenvolvem estratégias muito distintas.

No intuito de analisar tecnicamente o Programa, verifica-se que até o momento não se tem um plano de ações com metas, orçamento, prazos, avaliações, parcerias ou metodologia clara, ou seja, um planejamento como ferramenta de gestão. Segundo BRASIL (2009), um Programa deve conter, no mínimo, objetivo, indicadores que quantifiquem a situação que se pretende modificar e os produtos necessários para atingir os objetivos, dando origem aos projetos e atividades.

²⁰ Das 22 instituições, três são órgãos municipais, três órgãos estaduais e 16 são instituições privadas.

Desta forma, com o desenvolvimento do PATEAB, o Estado deve desenvolver projetos de atuação que beneficiem diretamente os municípios foco de sua atuação e, para isso, é necessário a participação das lideranças municipais e seus representantes sociais, iniciativa privada, ONG's e comunidades.

Atualmente, a relação com os terreiros tem sido cautelosa, tendo em vista a pouca credibilidade do Estado frente a posições tomadas no passado. Questões como intolerância religiosa, regulamentações fundiárias e a utilização dos elementos culturais dos afrodescendentes têm sido constantemente discutidas na mídia, porém com lentas soluções.

“Os terreiros precisam conhecer como funciona a atividade e principalmente saber o que eles ganham com isso. Se eles perceberem que não tem nada a ganhar, apenas precisam dizer que não querem! Ninguém é obrigado a receber ninguém em suas casas sem querer, e o estado não quer isso. Não queremos interpretar um patrimônio, porque não se trata de um museu, não se trata de uma igreja, se trata de ícones, elementos vivos que eles devem dizer o que pode ou não ser visto. Mas eles precisam entender o grande potencial que eles têm em demonstrar sua cultura para que ela de fato não morra” (Informação verbal, FRANÇA, 2011).

É necessário destacar, também, que o Programa não direciona orçamento para nenhuma mudança estrutural dos terreiros, nem pretende interferir em seu cotidiano. A construção de homestays foi vetada pelo Ministério da Cultura (Informação verbal, ARQUIMIMO, 2010).

É sabido, também, que muitos intelectuais, artistas e membros da academia baiana são adeptos do Candomblé e que estas pessoas podem auxiliar as casas na formatação de projetos para sua inserção na atividade turística. Mas a grande maioria dos terreiros não tem a mesma condição, porém isso não os torna menos importantes e nem menos necessitados.

Segundo Tosun (2000 apud BENI, 2006), as principais limitações para a participação da comunidade no processo de planejamento do turismo são operacionais, estruturais e culturais. Além disso, para o autor, a participação da comunidade requer tempo, dinheiro e habilidade para ser organizada. Requer aprendizado e conquista de espaço, pois, descentralizar o planejamento, as funções, os deveres e os resultados exige distribuir poder. Assim, esse processo tão recente determina que a forma de gestão seja repensada e/ou reaprendida.

4.2 As agências de viagem

As agências de viagens integrantes deste estudo são cadastradas pela EMBRATUR e associadas à ABAV-BA, tendo no mínimo dez anos de existência no mercado. Configuram-se também, neste segmento, empresas de pequeno porte, com média de três funcionários, que acumulam funções entre formatação de roteiros, vendas e divulgação.

Com base nos relatos, percebe-se que as agências já comercializavam produtos com foco no elemento cultural de matriz africana, antes mesmo do lançamento do PATEAB, como, por exemplo: visita aos Terreiros de Candomblé, Festa da Boa Morte, em Cachoeira, *city tours* na cidade de Salvador, onde se apresentava o Parque São Bartolomeu, o Dique do Tororó, a Lagoa do Abaeté, a Feira de São Joaquim e o Mercado Modelo, além da capoeira, da dança dos orixás, da culinária e do maculelê.

Por esse motivo, as agências não compreendem muito bem porque o Estado reuniu todos estes elementos de forma a lançar uma nova segmentação intitulada de Turismo Étnico, se os produtos oferecidos no atual Programa ainda são os mesmos. Este fato interferiu na participação efetiva das agências na construção do Programa.

“Eu fui para algumas reuniões e tudo que eles falavam a gente já fazia, eu acho isso negativo para o destino, quando não há uma sinergia entre o poder público e o privado, porque os empresários, eles tem uma velocidade diferente e o poder público é o governo, e ele tem uma velocidade mais devagar, tudo que eles fazem eles acham que é novidade e não se faz uma pesquisa pra saber se já existe ou não. Então eles têm o objetivo de mostrar, de aparecer, brilhar [...]. (Informação verbal, GONZE, 2010)

As agências atestam que receberam convites para as reuniões de formatação do Programa, exceto a Aquarela Tour, o que lhes dava o caráter participativo, porém esta participação não foi percebida de forma satisfatória, considerando-se apenas como ouvintes. Muitas sugestões foram feitas, porém quase nada foi acatado, o que levou à desistência de participação e principalmente ao descrédito nesse tipo de proposta. No decorrer dos quatro anos, o produto palpável, na opinião das agências, foi a apresentação do marco conceitual do turismo étnico, em forma de livro, com a história dos africanos na Bahia, sua expressão cultural e algumas sugestões de roteiros como produtos étnicos.

No que se refere à comercialização dos produtos étnicos oferecido pelas agências, não há uma separação do que é étnico e do que é cultural. Compreendem que a influência africana tem o seu papel na formação da história da Bahia, e que hoje já se encontra tão misturada, tão

imbricada, que esses elementos devem ser tratados de forma ampla, de forma que façam parte da cultura baiana e não como algo particular. Apesar de ser uma tendência de mercado, e de certa forma as próprias agências utilizarem o termo, turismo étnico, nos sites e no material promocional, esta nomenclatura os incomoda bastante. “Na realidade a gente não faz uma diferenciação entre turismo étnico e turismo cultural, porque, se a gente for pensar na Bahia, tudo é étnico, tudo é afro” (Informação verbal, RIBEIRO, 2010). Já Sullivan ressalta: “eu detesto esse nome étnico, é muito mal concebido, é para mim um despreparo dos que estão lidando com este segmento [...]. Turismo de herança africana é mais abrangente!” (Informação verbal, SULLIVAN, 2010). Quanto à formatação de roteiros turísticos pelo Estado, Ribeiro (2010) diz:

“O Estado desconhece suas reais funções: regulamentar a atividade tornando este segmento sério, criar bases para o desenvolvimento do turismo, atrair turistas, quem formata roteiro é agência e não poder público, quem conhece a logística da cidade é a agência e não o poder público” (Informação verbal, RIBEIRO, 2010).

Neste caso, as agências pontuam que há uma falta de estrutura para a recepção do turista nos espaços onde se encontram as comunidades afrodescendentes. Atestam que o processo de formatação de roteiros em Terreiros de Candomblé é difícil, pois tentam adequar oferta disponível, tempo, espaço e o perfil do visitante, que não é exclusivamente formado por afro-americanos. No que se refere a esta visita, as empresas vendem basicamente dois produtos: a festa pública, que acontece a noite, com duração de aproximadamente três horas, envolvendo transfer do Hotel para o terreiro e explicações básicas antes da visita (tipo de roupa a ser utilizada, restrições quanto a fotografias e comportamento no local), e a visita que acontece durante o dia, com percurso em todo o espaço físico do terreiro e jogo de búzios, dentre outras atividades.

Os terreiros não cobram nenhuma taxa para nenhum dos dois momentos de visita, porém o turista paga o serviço das agências e é informado que há possibilidade de ajudar os Terreiros, caso algum visitante queira. A maior dificuldade para a venda deste produto é o calendário de festas, que nem sempre está disponível, nem mesmo é de conhecimento da FENACAB. “Você liga para a federação dos Terreiros, você faz de dez a 15 ligações e não consegue falar, quando consegue já é em cima da hora – e aí? – como você vai dizer ao seu cliente que não tem condições de levar? (Informação verbal, RIBEIRO, 2010).

É necessário desmitificar que todo dia em Salvador tem Candomblé, e por falta de um calendário disponível, com antecedência, as agências divulgam sempre as mesmas casas. “A

gente tem uma lista de terreiros e ficamos ligando, garimpando para saber se vai ter festa ou não” (Informação verbal, AMOURO, 2010).

Não há preferência em relação à Nação de Candomblé, a menos que esta exigência venha do visitante. Dentre as casas matrizes em que se trabalha a Nação Angola, estas são referenciadas pelos agentes de viagens como “Terreiros Fechados”, mas apontam que, quando são solicitados com bastante antecedência, cumprem também o mesmo papel. “Nós selecionamos para ver a estrutura do terreiro. Isso é normal, não só a estrutura, mas como o responsável pelo terreiro que abre as portas, né? Se ele está disposto a receber seus passageiros ou não!” (Informação verbal, AMOUROS, 2010).

As agências destacam que no espaço do terreiro não existe um roteiro pronto, elas deixam livre para que o dirigente escolha a melhor forma de conduzir o grupo. Sendo um ponto bastante positivo, pois é da comunidade que irá partir seus valores, relatos e histórias mais relevantes, fazendo com que o turista tenha um contato mais próximo com o povo de santo.

É unânime a declaração quanto à dificuldade de venda aos mercados estrangeiros, e principalmente afro-americanos, devido a alguns aspectos: 1) os terreiros de Candomblé são templos sagrados destinados aos cultos da religião e para isso existe uma série de normas e datas específicas para a visitação; 2) a divulgação dos calendários de festas ainda é precária; 3) o contato com os terreiros e a FENACAB ainda é difícil; 4) o mercado ainda é pontual e específico; e 5) a falta de infraestrutura básica e turística na maioria dos terreiros.

Para atender ao público afro-americano, a situação fica ainda mais delicada, pois esses, em sua maioria, são evangélicos. Eles querem conhecer a herança africana, mas não necessariamente vivenciar o Candomblé como religião. Para Gonze (2010), os afro-americanos são exigentes nos seguintes aspectos: qualidade, conforto, segurança e limpeza.

Desta forma, o trabalho que vem sendo feito pelas agências é árduo, pois, quando identificam o perfil dos seus clientes, não conseguem oferecer produtos adequados, de acordo com a promoção realizada pelo Estado. São roteiros meticulosamente preparados para um grupo pequeno, encarecendo bastante o valor do produto final. Os roteiros variam de US\$ 10 a 200 dólares.

O público que visita os terreiros caracterizados pelas agências tem origem bastante variada, entre italianos, franceses, japoneses, portugueses, argentinos e os afro-americanos, e se concentra em agosto, devido à Festa da Irmandade da Boa Morte. É formado por acadêmicos, casais, mulheres solteiras, viúvas com idade entre 30 e 55 anos, sendo destacado, com grande veemência, que homens solteiros não compram este tipo de produto. A motivação

também é variada, entre elas: conhecer de perto a estrutura do terreiro, ouvir a música, degustar a culinária, ouvir a história da formação dos terreiros, os projetos sociais desenvolvidos em cada um deles, curiosidades e até mesmo cura de doenças.

Poucos se interessam em assistir a festa pública com auxílio das agências, quando procuram as empresas, querem fazer o roteiro étnico ou a visitação durante o dia nos terreiros de Candomblé. Segundo informação verbal de Sullivan (2010), “eles não são estimulados a conhecer a religião e o significado é tão sutil que eles não irão entender em uma ou duas horas de festa”.

No que se refere aos serviços turísticos prestados, de atendimento e guiamento, é unânime afirmar que os turistas saem muito satisfeitos com as agências. Mas, em relação à visita dos terreiros, as opiniões divergem bastante. O público italiano é o destaque para conhecer a estrutura do terreiro, conhecer a comunidade e sua culinária, e nem se importa tanto com a estrutura física.

O público brasileiro não frequenta muito este meio, por intermédio de uma agência de viagem, exceto os paulistas. Quando se questionou as agências sobre a satisfação dos visitantes após a visita nos terreiros de Candomblé, as respostas foram as mais variadas.

“O visitante precisa entender que o candomblé é uma religião e como religião tem suas normas, tem tudo. Então tem que se pensar dessa forma que o espaço físico é um templo religioso então da mesma forma que eu não vou meter a mão no lugar que fica a hóstia, eu não vou meter a mão no espaço que ficam as oferendas. Então tem tudo isso! Então se na igreja não se pode filmar não se pode fotografar e no terreiro também tem essa norma, eu vou ter que respeitar!” (Informação verbal, RIBEIRO, 2010)

Outro comentário:

“Os turistas reclamam do calor, da falta de lugar para sentar, mas eles têm que entender que isto é típico do terreiro (...). Você não pode botar um ar condicionado lá que não tem nada a ver. É que a gente vem com outra cabeça, achando que é uma igreja, não é por aí. Eles estão entrando numa casa, num terreiro, não é uma igreja batista que tem microfone, alto-falante, não é!” (Informação verbal, AMOUROS, 2010)

Mas existe outro tipo de conduta entre os visitantes: “tem gente que viaja só pra dizer que veio à Bahia e que viu o Candomblé, tem uma foto, mas tem estudiosos que querem realmente conhecer” (Informação verbal, GONZE, 2010). Outros: “alguns já comentaram que não gostaram tanto, acham uma palhaçada e até que é uma invenção” (Informação verbal,

AMOUROS, 2010). E o imaginário também afeta as opiniões: “muitas vezes as expectativas não são satisfeitas por que eles vêm muito mistificados” (Informação verbal, SULLIVAN, 2010).

Os visitantes não veem problema em não tirar fotos, ou ter que usar trajes específicos, as agências fazem o trabalho de preparação e informação para os procedimentos no templo religioso, para que eles compreendam que toda religião tem suas normas, e este é um momento de encontro cultural, sendo necessário esse respeito, este cuidado. Porém, alguns turistas, segundo as agências de viagens, julgam que as festas são apelativas e até mesmo que o transe não é real, como se fosse uma dança e música para o turista assistir.

Uma questão que dificulta também a comercialização é a ausência ou uma precária rota de voos diretos que ligam os principais países emissores a Salvador. “Na TAP, os voos são mais caros, a Alitalia ainda não faz, então fica vinculado aos voos *charters* e nossos viajantes só utilizam aviação comercial” (Informação verbal, RIBEIRO, 2010). Em sua maioria, é necessário fazer escalas em no mínimo dois destinos, com paradas em São Paulo, Rio de Janeiro ou Recife, até chegar a Salvador. A *American Airlines* possui voo direto vindo de Miami, porém sempre está em *overbooking*.

Além dos problemas estruturais e mercadológicos, as agências ainda apontam a questão educacional, relacionada ao idioma e ao conhecimento peculiar sobre a cultura dos Terreiros de Candomblé. São poucos os profissionais que reúnem os dois elementos para uma melhor apresentação do produto.

4.3 Os Terreiros de Nação Angola

Todos os Terreiros entrevistados estão compostos por duas estruturas organizacionais, uma de cunho religioso, a estrutura hierárquica²¹ e outra para fins políticos e institucionais, a estrutura jurídica.²² Todos possuem registro na FENACAB. A organização jurídica oferece aos Terreiros um instrumento legal para o exercício da religião do Candomblé, auxilia quanto à legalização fundiária, bem como a participação em projetos sociais que envolvam o saber, o fazer e a memória destes povos.

Os Terreiros de Nação Angola foram os que mais sofreram com a imposição católica. Muitas casas foram saqueadas, perseguidas e fechadas, e até a década de 1970 a grande

²¹ Composta pelo sacerdote supremo da casa e seus auxiliares escolhida pelos Nkisses.

²² Composta pelo Sacerdote da casa (Pai ou Mãe de Santo), Presidente, vice-presidente, secretária, primeiro tesoureiro, conselho fiscal, regidos por um estatuto escolhido na lei dos homens.

maioria não tinha sua organização legal frente ao Estado. Hoje os terreiros contam com o apoio da FENACAB, KOINONIA para a organização jurídica dos seus espaços sagrados, adequando-se às normas estabelecidas pelo governo, no município de Salvador.

Os Terreiros entrevistados não possuem contato formal com nenhuma agência de viagem, mas informaram que recebem turistas principalmente nas festas públicas. Estas festas são divulgadas pela Agenda Cultural da Bahia, estando disponíveis em seu site²³, no boca a boca através dos filhos de santo da casa e pelo telefone da FENACAB (071) 3321-1548. Até 2003, o calendário de festas era divulgado também pelo Serviço de Atendimento ao Turista – SAT da BAHIATURSA e pelo Disque Turismo 131, porém estes serviços não são mais oferecidos.

Os grupos de turistas são levados aos terreiros através dos guias de turismo ou solicitações aos dirigentes dos terreiros para fins de estudo. Este contato é feito através de telefone, onde o guia informa o seu interesse em levar pessoas para a festa e, normalmente, esta solicitação é aceita. “Às vezes quando tem festa eles ligam pra gente para saber se podem trazer turista e a gente permite. São os guias das agências que nos ligam sempre, mas nem sabemos o nome das agências” (Informação verbal, SOUZA, 2010)

Os terreiros nunca se preocuparam com a questão turística levantadas no PATEAB e os turistas são tratados da mesma forma que a comunidade que frequenta a casa, destacando que turismo é turismo e Candomblé é religião, os interesses são diferenciados. Conforme afirma, SANTOS (Informação verbal, 2011), “para mim passou daquele portão você pode ser o Senador, turista, antes de qualquer coisa você é um ser humano. Candomblé dentro da minha ótica é acolher! Você tem o status social lá fora, aqui você é ser humano, divindade aqui só a Dona da casa”, referindo-se ao *Nkisse* que rege a casa, *Mameto Dandalunda*.

Desta forma, os terreiros não têm uma referência das agências de viagens, pois não foi mencionado nenhum nome. O interesse parte dos guias e não dos terreiros, para a venda de uma festa ou de um roteiro. Todos afirmam que não existe um roteiro de visita formalizado, a visita ocorre nos espaços comuns da casa e pode ser complementada por um almoço, um lanche ou uma conversa mais aprofundada sobre a religião, o que normalmente acontece no barracão. O interesse gira em torno da comunidade, da história e origem dos terreiros, do significado dos mitos, bem como de sua estrutura física e dos projetos sociais desenvolvidos.

²³ www.agendaculturalbahia.ba.gov.br

Todos os Terreiros declaram que não cobram taxas de entrada para a participação na festa pública. Para a visitação em forma de roteiro, ou seja, um atendimento fora da época de celebrações, é cobrado um valor, quando é solicitado um lanche ou almoço, para custear esta preparação. Fora isso, todos são muito bem recebidos, sem o pagamento de nenhuma taxa. “Essa cobrança de taxa eu não acho legal, mas eu acho que nós poderíamos ver alguma forma do terreiro também lucrar com essa visitação, mas que não fosse uma taxa, sei lá! Alguma doação que fosse feita pelo governo. Mas um ingresso de cobrança eu acho complicado” (Informação verbal, SOUZA, 2010).

A festa pública para os membros do Candomblé é um ato solene para a comunidade, uma forma de celebração, agradecimento e partilha. No passado, houve um momento de encontro entre os escravos, que passou a agregar outros simpatizantes, e nesta festa nunca havia pagamento.

O espaço que é público é conhecido como barracão, onde é permitida a entrada de todos. Em algumas casas, existe uma separação no barracão em que, de um lado, ficam as mulheres e, do outro, os homens. Os quartos dos santos são fechados e os visitantes não têm acesso, exceto quando o sacerdote permite. Existem assentamentos de *Minkisi* que não gostam de telhados, por isso suas casas são feitas a céu aberto, como é o caso dos assentamentos de Kitembu, Katendê, Nkossi; exige-se que pessoas estranhas à comunidade do Terreiro mantenham certa distância desses assentamentos, não fumem perto dos mesmos, enfim respeitem seus Deuses, que são considerados forças vivas da natureza.

Quanto ao calendário de festa dos Terreiros, ele é muito variável, ocorrendo festas ao longo do ano, exceto na quaresma e em novembro, por uma questão da tradição Angola, mas cada casa tem o seu culto particular. Todos declaram que por hipótese alguma fariam festa apenas para atender ao turista.

“Eu nem sei como chamaria isso! A gente não abre Candomblé só para turista, para vestir Santo e ter incorporação, é necessário matança²⁴, obrigação, e neste caso não teria nada disso” (Informação verbal, PAIM, 2010). Outra opinião: “eu mudaria o visitante para atender ao evento e não o contrário” (Informação verbal, SANTOS, 2011). Vale ressaltar esta afirmação: “vestir pessoas apenas para apresentar não há como fazer. Deixa isso para um grupo folclórico, que pode ser até mesmo do Candomblé” (Informação verbal, LIMA, 2010).

Eles não entendem o turista como ameaça, pois no terreiro são tratados como qualquer outro visitante, mas apontam que, em muitos casos, a agência e os guias podem negligenciar

²⁴ Sacrifício de animais que é oferecido aos Nkisses.

informações e até mesmo prejudicar o bem-estar da casa. O problema não é receber turista e sim a forma como o Terreiro poderia atender a esta demanda, para que o turismo fosse uma atividade que valorizasse a religião, ou que pudesse auxiliar nos seus problemas cotidianos.

Todos atestam que os terreiros precisam se organizar melhor, no intuito de estabelecer normas para a visitação, tendo em vista estas duas possibilidades: a festa pública e os roteiros de visitação. Apesar de não terem um vasto conhecimento sobre a cadeia produtiva do turismo, atestam que é necessária uma estrutura física para melhor receber, independente do turismo, citando os seguintes itens: melhor acesso, principalmente para deficientes físicos, iluminação, banheiros, espaço de convivência e memorial, mas que não fosse algo para atender apenas ao turista e sim às necessidades do terreiro.

Alguns Terreiros citam projetos sociais que poderiam desenvolver, utilizando os mais diversos elementos da cultura Bantu, como cursos de idioma, de corte e costura voltado para a vestimenta afro, amarração de torso, tranças, espaço de leitura, apresentação dos mitos, história da África e de fitoterapia, podendo beneficiar visitantes/turistas e a comunidade do entorno.

Defendem que os elementos do Terreiro sejam passados para os visitantes através da sua comunidade e não por guias de turismo. “Queremos que o nosso povo fale, converse, informe ao turista no idioma dele sobre a nossa história. Não quero aqui guia de turismo explicando como deve ser ou que não deve ser” (Informação verbal, PAIM, 2010). Outra opinião: “acho extremamente necessário se fazer cursos, palestras para os guias para que eles possam compreender nossa religião. Aqui em casa nunca tivemos problema, mas sei que muitas casas têm problemas com os guias e turistas” (Informação verbal, SOUZA, 2010).

É relevante pontuar também, que existe um tipo especial de visitante dos terreiros, os filhos de santo da casa, os iniciados na religião, que moram em outras cidades e até mesmo outros países. São pessoas que vêm a Salvador para cumprir suas obrigações ou para participar das festas públicas, a celebração para o *Nkisse* da casa à qual pertencem. Estes filhos de santo em sua grande maioria ficam hospedados no próprio terreiro.

Quanto ao PATEAB, dos seis terreiros entrevistados, quatro terreiros declararam que não conheciam o programa até a informação desta pesquisa. Não receberam nenhum convite, nem da SETUR e nem da FENACAB, para as reuniões e, após quatro anos, continuam a desconhecer os reais benefícios deste Programa, no que se refere à religião e às comunidades dos terreiros.

Percebem-se, desta forma, duas questões do planejamento de um programa participativo que não foram superadas, a sensibilização e a mobilização. A informação não

chegou a todos os terreiros, nem mesmo aos principais representantes da Nação Angola, para que pudesse despertar o interesse inicial de conhecer a estrutura do Programa e depois a mobilização, fator essencial para o desenvolvimento das ações necessárias para se chegar aos objetivos almejados.

O Turismo pode ser um forte elemento de valorização da cultura negra, e principalmente da religião de Candomblé, quando este utiliza seus mecanismos para transmitir ao mundo uma forma diferente de expressão e que merece respeito. Não pode ser mais visto como uma herança de povos ilegais e marginais, e sim como uma cultura ancestral, cheia de riquezas e ainda a se descobrir. Mas para isso é necessário que se faça um trabalho intenso de formação e informação, através de fotos, filmes, palestras, uma divulgação visando o fortalecimento dessas comunidades.

4.4 Os Visitantes

Foram entrevistados 15 visitantes brasileiros, sendo nove baianos, quatro paulistas e dois candangos; seis internacionais: quatro franceses e dois portugueses. Dos 21 visitantes, 60% são do sexo masculino e 40% do feminino. Vale destacar que não foi encontrado nenhum afro-americano neste período, público-alvo do PATEAB. Os visitantes franceses faziam intercâmbio e conseguiram se comunicar em português.

Nenhum dos entrevistados veio por intermédio de agências de viagem, o conhecimento foi feito pelo boca a boca, por indicação de algum amigo baiano, ou algum amigo que pratique a religião, sendo em muitos casos filho de santo do Terreiro visitado. Quanto à frequência dos visitantes, em sua maioria, pela primeira vez, porém, encontramos pessoas com até cinco visitas.

Quanto à motivação, encontramos as mais variadas, alimentadas pelo elemento cultural, desde compartilhamento, conhecimento, curiosidade, fé e admiração do outro.

“Eu sempre quis conhecer o Candomblé, mas tinha medo. Sempre ouvia falar das danças, este lado místico e belo. Creio que era curiosidade mesmo, em algo relacionado a fé, ao respeito que você deve ter com a religião do outro, ao momento de fé. Minha irmã mora em Salvador à cinco anos e é do Candomblé mas eu tinha medo e agora resolvi conhecer mais de perto” (Informação verbal, V1, 2010).

Os visitantes detêm pouco ou nenhum conhecimento sobre a religião do Candomblé, o que se estende à questão da Nação Angola. Observa-se que não há um conhecimento prévio

sobre o local visitado. As poucas informações que motivaram a ida foram passadas através de livros, revistas, propagandas, e principalmente o boca a boca entre familiares e amigos. O acolhimento e a aceitação do diferente é algo que se destaca, como se fosse um espaço onde todos são respeitados.

Segundo Amaral (1998, p. 84), as festas podem ter três motivações fundamentais: a **dimensão cultural**, colocando-se em cena valores, arte e devoção de um povo; como **modelo de ação popular**, que atua com benefícios sociais e ainda como **espetáculo**. Essas três motivações se encontram imbricadas na festa do Candomblé, que, para o visitante, pode se tornar única e supervaliosa. Para uns, o caráter ideológico é maior do que o simples comemorar. É antes de tudo conservar e reviver suas raízes, tendendo a justificar ou explicar a doutrina religiosa. Para outros, é o espetáculo que não se conhece, mas que os leva à solução de sua curiosidade e a um momento de contemplação.

Conforme nos afirma Camargo (2009, p. 317), “a demanda do turismo cultural não é homogênea, pois existem graus e espécies de motivação entre aqueles turistas que buscam atrativos, eventos e cidades culturais”. Sendo assim, a demanda do turismo étnico pode ser observada por essas motivações diversas, baseadas nas dimensões que este espaço do Candomblé pode oferecer: visita aos espaços físicos, eventos relacionados com a gastronomia, festas públicas, música e danças relacionadas à cultura afro.

No que se refere à estrutura física, os turistas identificam como uma boa estrutura, destacando os aspectos da arquitetura peculiar, da limpeza observada, a beleza da festa e seus elementos decorativos. “O espaço é muito bonito, com muitas árvores, muito verde, nos dá a sensação de estarmos mais próximos a natureza” (Informação verbal, V5, 2010). Outro visitante comenta: “é muito grande, né? Eu não imaginava que era assim, a gente vê pela televisão um espaço tão pequeno e aqui é uma beleza, parece um palácio” (Informação verbal, V7, 2010).

O espaço para o visitante é algo relacionado ao bem-estar para contemplar a festa. O imaginário deste espaço ainda é revelado como algo sujo, apertado e incômodo, sendo de extrema surpresa quando o visitante não encontra nenhum vestígio do seu conceito preconcebido ou divulgado pela mídia. É necessário entender a estrutura física do terreiro, que é peculiar, podendo se diferenciar em tamanho e localização, mesmo sendo da mesma Nação.

Aos olhos do visitante, o terreiro pode sofrer transformações e adaptações para uma melhor recepção. Porém, é necessário destacar que alguns terreiros são tombados e sua adequação será voltada para uma necessidade da religião e não para o turismo. Os terreiros estão localizados em bairros periféricos, fora do roteiro preestabelecido e divulgado pelo

Estado como espaço turístico. Desta forma, os visitantes interpretam os bairros onde estão localizados os terreiros como locais que oferecem menor segurança ao turista, sendo, em muitos casos, um fator limitante da visita.

Hoje, os terreiros estão georreferenciados e disponíveis na internet, porém muitos visitantes desconhecem esta informação.

Sobre as taxas de visitação, todos os visitantes afirmam não ter pago nenhuma taxa para o terreiro, nem mesmo feito doação. O valor gasto para ter acesso à festa foi com transporte e os flanelinhas²⁵ do estacionamento improvisado, no entorno dos terreiros.

Quanto à recepção, ela é tranquila, educada e sem restrições. A condução dos visitantes no terreiro é feita de forma bem sutil pelos membros dos terreiros. Normas quanto à filmagem, fotografias e acesso, não são feitas de forma direta, sendo muito específicas para cada terreiro. Mas podem acontecer outras proibições, ao longo da visita, como relata uma turista paulistana: “eu não vi nenhuma placa não fume e então eu acendi um cigarro, mas gentilmente fui informada por uma das pessoas que estavam próximas a mim que não era permitido fumar aqui” (Informação verbal, V6, 2010).

Como um todo, não há placa de informação e interpretação turística, porque o espaço não é direcionado para a prática turística, seguindo os modelos de um atrativo conforme os padrões estabelecidos pelos órgãos competentes.

O início da festa é indicado pelo toque dos atabaques e os fogos de artifício. No barracão, todos os presentes aguardam a entrada dos membros da religião, com seus elementos litúrgicos. Cada festa tem suas características próprias, a música, o toque, as danças estão de acordo com o *Nkisse* que se reverencia. Flores, folhas e incensos são dispostos, criando um aroma relaxante para os visitantes e que emociona.

“Considero que a festa é bom apenas para apreciação, mas para conhecer a religião precisaria mais tempo, ou quem sabe uma apresentação do que iria acontecer. Agora não dá nem para ter uma visão superficial do que é. Eu não entendo muito os significados, sei quando um santo chega, vejo pelas cores o que ele representa, mas não sei se está correto. Mas assistir as danças e ouvir os atabaques já é muito gratificante”. (Informação verbal, V3, 2010)

A festa pública é apreciada por todos, destacando-se a beleza do local, o movimento entre os membros do terreiro no barracão, as danças, os momentos de benção e

²⁵ Nome utilizado em Salvador para denominar guardadores de carro.

principalmente a culinária, que é servida após a festa. É unânime o desconhecimento do Programa de Ação do Turismo Étnico Afro da Bahia, mas todos acham a ideia interessante. Os visitantes que haviam visitado pela segunda vez, não observaram nenhuma mudança nos terreiros e suas comunidades.

Entretanto, sugerem melhoria de infraestrutura de acesso, auxílio em pequenas reformas, para melhor receber o turista, e divulgação da memória do legado dos terreiros, para que a comunidade do entorno possa ser inserida e beneficiada com projetos de educação envolvendo história, arte e idioma. Mas destacam que todas as ações deveriam ser norteadas, partindo da opinião dos dirigentes dos terreiros, dos praticantes da religião, que sabem os limites da religião e as reais necessidades de sua comunidade.

Quanto à satisfação na festa, as opiniões estão diretamente relacionadas com as motivações iniciais. “Não é uma questão de satisfação, não estou aqui para satisfazer uma curiosidade, mas para compartilhar com os amigos um momento de festa” (Informação verbal, V14, 2010).

Importante destacar que não houve objeção quanto ao retorno para uma visita em forma de roteiro turístico ou para uma nova festa pública. A maioria dos visitantes se declara simpatizante da religião e/ou da cultura afrodescendente, mas não sabe diferenciar uma Nação da outra, exceto os que praticam a religião, repassando informações que ouviram falar, além das referências serem dadas na língua yoruba.

Não foi declarada pelos visitantes nenhuma diferença de tratamento, pelo fato de ser um turista. Aos olhos do visitante, fica a preocupação com a essência da cultura e sua mercantilização pelo turismo, de forma que sugerem que a comunidade se apodere da cadeia produtiva do turismo de forma a resguardar seus valores. Por outro lado, para aqueles que querem conhecer um pouco mais sobre o significado da festa, atestam que as agências poderiam trabalhar em conjunto, de forma a apresentar melhor o terreiro. “Acho que seria bom vir por agências de viagens, talvez eles explicariam melhor sobre a história, o sincretismo, ou até mesmo explicar o que está acontecendo durante a festa” (Informação verbal, V13, 2011). Outra opinião pertinente: “o guia tem que ter muito conhecimento, preferencialmente ser da religião” (Informação verbal, V17, 2011).

A ideia que se tem sobre as agências é que são elas as responsáveis por um maior conhecimento da casa, de forma a direcionar o turista. O mercado turístico legitima o papel da agência e do guia, como responsáveis por uma melhor apresentação do patrimônio.

Considerações Finais

Constata-se que ainda não existe um planejamento formal para o desenvolvimento do Turismo Étnico Afro da Bahia, nem orçamento específico para a melhoria e correções identificadas ao longo deste processo. Nos primeiros quatro anos de governo, conseguiu-se uma ampla divulgação, nos mercados nacionais e internacionais, dos roteiros formatados pela SETUR, com o auxílio de algumas agências, porém se evidenciou a ausência de uma pesquisa do perfil da demanda para adequação da oferta turística. Acredita-se que, após a pesquisa do perfil da demanda, o Estado deva direcionar uma promoção específica para esta segmentação, captar voos diretos, partindo dos principais emissores identificados na pesquisa, de forma a tornar o turismo étnico afro em Salvador uma referência, com produtos adequados à demanda, garantidos por legislação específica.

O PATEAB pode ser caracterizado como estratégico-participativo, tendo em sua primeira fase a participação dos atores sociais como agências de viagens, terreiros de Candomblé e sociedade civil organizada. Porém não se destaca a participação dos guias e nem associações ligadas às entidades negras. A participação dita “efetiva” foi afetada por questões históricas, destacada nas entrevistas de cada ator e Estado, tendo ações de participação mínima com discursos de participação cidadã. A participação ainda foi afetada pelos processos de mobilização e sensibilização inadequados para cada ator social, tendo em vista a complexidade e a abrangência do programa.

Para os órgãos públicos entrevistados, consta apenas a informação da existência do programa, das reuniões de formatação do marco conceitual e a temática que envolve os Terreiros de Candomblé e suas comunidades, porém estes mesmos atores (SECULT, SALTUR, SEPRMI) não conhecem o programa em profundidade e destacam que as medidas de controle para os resultados positivos com essa ação não foram divulgadas. Os impactos positivos indicados são generalistas, como a geração de emprego e renda, porém não há relatórios que indiquem de fato quantos empregos foram gerados para essas comunidades com a visitação.

A desarticulação entre os entrevistados é identificada, pois cada ator conhece o seu trabalho, sem caminhar transversalmente e sem a realização de parcerias efetivas em busca da sustentabilidade das ações citadas no programa. Essa falta de parceria e/ou entendimento é vista de forma mais grave entre SETUR e SALTUR, onde o município desenvolve outras segmentações em Salvador, sem apoiar as ações do Estado para o turismo étnico.

É sabido que o programa não prevê auxílio financeiro aos Terreiros de Candomblé e a nenhum outro grupo relacionado à matriz africana componente da oferta do Turismo Étnico.

Mas se evidenciou, na fala de todos os atores sociais entrevistados, que a educação para o turismo é o elemento fundamental para o sucesso da segmentação, ressaltando que este papel é de responsabilidade dos órgãos promotores e legisladores da atividade turística. Não menos importante, o Estado também deve criar estratégias para a fiscalização do setor, de forma a assegurar o bom funcionamento do mercado, prezando pela segurança e satisfação do turista e das comunidades visitadas.

De acordo com a análise da oferta, pode-se afirmar que ainda existem alguns limites para se oferecer um produto étnico de qualidade. No que se refere à visitação dos Terreiros, destacam-se algumas deficiências: falta mão de obra especializada para o atendimento ao turista, tendo dois aspectos a serem analisados: o guia de turismo, que domina o idioma porém não conhece a história e peculiaridades dos Terreiros que visitam e vice-versa, e a comunidade dos terreiros que, em muitos casos, domina a sua história, porém não tem conhecimentos sobre outro idioma e questões básicas de atendimento a este público peculiar; o acesso aos Terreiros é precário, mesmo os que detêm maior destaque; a ausência de sinalização é um fator que dificulta a boa condução e o acesso dos visitantes ao terreiro; guias de turismo sentem-se excluídos do processo e dificultam a venda proveitosa do produto; a falta de informação sobre os benefícios do programa ainda é um fator preponderante para a não abertura dos terreiros de Nação Angola ao mercado turístico.

Constatou-se também que o interesse dos terreiros em trabalhar com o turismo é mínimo desde que até o momento não recebem nenhum retorno positivo, nem de forma econômica e nem de forma social, como o reconhecimento da religião ou o respeito por sua cultura. Os terreiros não cobram a visita pública da festa e nem a visitação diurna, o que foi atestado também pelas agências de viagens que não pagam nenhum valor, bem como pelos turistas. O pagamento feito pelo turista ocorre através das agências de viagens e se refere ao transporte e ao guia de turismo. Assim, os representantes dos terreiros entrevistados gostariam que o Estado os auxiliasse, em projetos sociais de educação, estruturação física dos terreiros e segurança fundiária, pois não desejam a visitação pública de turistas apenas para serem vistos ou tolerados religiosamente.

Esse fato vai afetar diretamente as agências de viagens que formatam esses roteiros, pois irão enfrentar a pouca ou a ausência de informações sobre o calendário de festas dos terreiros. Isso converge para uma venda contínua e repetitiva das mesmas casas de Angola. Nesse processo, está o impasse entre FENACAB e SETUR, onde a FENACAB tem o registro das festas de todos os terreiros da Bahia, porém não tem mão de obra suficiente para informar os turistas e nem mesmo as agências de viagens. Já a SETUR não mais disponibiliza essas

informações através do disque turismo, devido à solicitação da FENACAB, que foi pressionada pelos próprios terreiros a tomar essa providência devido aos diversos problemas causados por guias e turistas na visitação de Casas de Candomblé.

Quanto ao comportamento que se deve seguir num Terreiro de Candomblé, o PATEAB construiu com as dirigentes dos terreiros uma cartilha, com o norteamento de como o visitado quer ser tratado pelo visitante, tendo em vista as peculiaridades da religião, entre magia e segredos, porém até o momento este instrumento não foi divulgado, bem como os relatórios de atividades.

Buscando compreender a análise dos visitantes dos Terreiros, identificamos um perfil bastante eclético, porém nenhum afro-americano. Para tanto, é unânime para os visitantes entrevistados o desconhecimento do programa.

Quanto aos limites da pesquisa, pode-se afirmar que o próprio tema tem uma natureza complexa, em que os conceitos são novos, a gestão do Estado e principalmente a participação cidadã é ainda pouco praticada no País e na Bahia. Coletar os dados de sujeitos tão diversos e ao mesmo tempo imbricados numa só situação é um grande desafio que com certeza confirma as imensas necessidades de estudos mais aprofundados para o esclarecimento de diversas lacunas na concepção de um Programa de Estado.

Assim, a nossa pergunta – quais os reflexos para os Terreiros de Candomblé Angola com a implantação do PATEAB? – é respondida pela ótica dos atores sociais, evidenciando um retorno mínimo para os envolvidos e mais especificamente, as comunidades visitadas. Desta forma deseja-se que este trabalho possa contribuir com maiores questões sobre o desenvolvimento deste segmento em Salvador, bem como sua expansão para outros destinos, para que, de fato, as diversas manifestações culturais possam ser asseguradas e entendidas por todos os componentes do sistema turístico.

Referências

AMARAL, Rita de Cassia. **Festa à brasileira**: Significados do festejar no país que não é sério. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 1998.

AVILA, M. A. Política e Planejamento em cultura e turismo: reflexões, conceitos e sustentabilidade. In: AVILA, M. A. (Org.). **Política e planejamento em cultura e turismo**. Ilhéus, BA: Editus, 2009.

BAHL, M. Dimensão Cultural do Turismo Étnico. In: ANSARAH, M. G. dos R.; PANOSSONETTO, A. (Orgs.). **Segmentação de mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas**. Barueri, SP: Manole, 2009.

BALASTRERI, A. R. **Turismo e territorialidades plurais** – lógicas excludentes ou solidariedade organizacional. San Pablo: CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales, Diciembre, 2006.

BARRETO, M. **Turismo e legado cultural**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 2006.

BENISTE, Jose. **As águas de Oxalá**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BERGUE, Pierre Van Den. Racei Perspective Two, In: CASHMORE, Ellis (Org.), **Dictionary of Race and Ethnic Relations**. London: Routledge, 1984.

BAHIA, Secretaria de Turismo. Superintendência de Serviços Turísticos – Suset. Turismo Etnico-Afro da Bahia. A Secretaria_Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Turismo cultural: orientações básicas**. Coordenação - Geral de Segmentação. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2008. Disponível em: <http://institucional.turismo.gov.br/arquivos_open/diretrizes_manuais/TurismoCultural.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2010.

_____. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Marcos Conceituais. 2004. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf> Acesso em: 5 mai 2010.

_____. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas Públicas. **Programa de Qualificação a Distância para o desenvolvimento do Turismo**: formação de gestores das políticas públicas em turismo. Alexandre Panosso Neto, Francisco Jose pereira da Silva, Luiz Gonzaga Godói Trigo. Florianópolis: SEAD/ FAPEU/ UFSC, 2009.

CAMARGO, Patrícia de. Os impactos do turismo cultural. In: CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da. (Org.) **Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências**. Ilhéus, BA: Editus, 2009.

CAPONE, S. **A busca da África no Candomblé: tradição e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

CARDOZO, P. F. Turismo Étnico. **Revista Turismo y Patrimônio Cultural**. Espanha, Universidade La Laguna, v. 4, n. 2, p. 143-152, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/4206/PASOS08.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2009.

CARNEIRO, E. **Candomblés da Bahia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CASTRO, Yeda P. "**De l'intégration des apports africaines dans les parlers de Bahia au Brésil, Lumbubashi**", Université National du Zaïre, 1976, tomo I. Tese de Doutorado.

CEAO. Centro de Estudos Afro Orientais. Disponível em: <www.terreiros.ceao.ufba.br>. Acesso em: 20 mai. 2009.

CUNHA, Lázaro. **Contribuição dos povos africanos para o conhecimento científico e tecnológico universal**. (s.d.) Disponível em: <<http://www.smecc.salvador.ba.gov.br/documentos/contribuicao-povos-africanos.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2009.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 1999.

DENCKER, A. de F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOULART, M.; SANTOS, R. I. C. dos. Uma abordagem histórico-cultural do turismo. **Turismo – Visão e Ação**, v. 1, n. 1, p. 19-28, jan./jun. 1998.

HERSKOVITS, M. J. **The Cattle Complex in East Africa**. PHD Dissertation in Anthropology. Columbia University, 1923

ICOM. The International Council of Museums. **Carta de Turismo Cultural – 1976**. Disponível em: <www.iphan.gov.br/legislac/cartaspatrimoniais/cartadeturismocultural.htm>. Acesso em: 11 nov. 2010.

LOPES, N. **Bantos, Malês e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MOLINA, S. **Turismo: metodologia e planejamento**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

MONTEIRO, M. **Turismo religioso: roteiros de fé**. 2003, Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/viagemelazer/2003/10/01/noticiaviagemelazerjornal,301668/roteiros-de-fe.shtml>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

NASCIMENTO, D. M. **Metodologia do trabalho científico: teoria e prática**. Belo Horizonte: Fórum, 2008.

OMT. Organização Mundial do Turismo. **Turismo internacional uma perspectiva global**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PARÉS, L. N. **A formação do Candomblé**: história e ritual da nação jeje na Bahia. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

PRANDI, R. **Segredos guardados**: orixá na alma brasileira. São Paulo. Cia. das Letras, 2005.

QUEIROZ, M. M. A. de. **Turismo de raízes na Bahia**. 2008. 237f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

RODRIGUES, R. N. As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil [1894] 2º edição Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1933.

SANTANA, A. T. **Antropologia do turismo**: analogias, encontros e relações. Tradução de Eleonora Frenkel Barreto. São Paulo: Aleph, 2009.

SEPLAN. Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia. Lei nº 10.705 de 14 de novembro de 2007. Disponível em: <<http://www.seplan.gov.ba.br>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

SETUR. Secretaria de Turismo do Estado da Bahia. Turismo Étnico Afro. Programa de Ação do Turismo Étnico Afro da Bahia. Marco Conceitual. Salvador: Bahiatursa, 2007.

SILVEIRA, E. J. S. da. Turismo Religioso popular? Entre ambigüidades e as oportunidades de mercado. **Revista de Antropologia Experimental**, n. 4, p. 1-16, 2004.

SILVEIRA, R. da. **O Candomblé da Barroquinha**. Salvador: Maianga, 2007.

STEIL, C. A. Peregrinação e Turismo: O natal em gramado e canela. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPOCS, 22., Caxambu. GT Religião e Sociedade. **Resumos**. Caxambu, 1998.

URRY, J. **O olhar do turista, o lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel; SESC, 2001.

Artigo recebido em fevereiro de 2012 e aprovado em setembro de 2012.